

## PERDEU-SE UM MARIDO / 1957

um filme de HENRIQUE CAMPOS

*Realização:* Henrique Campos / *Assistente de Realização:* Teresita Miranda / *Sequências:* Fernando Fragoso, baseado numa obra de Manuel Frederico Pressler “Perdeu-se um Marido” / *Poemas:* Luís de Lemos / *Fotografia:* João Moreira / *Assistente de Fotografia:* Antonino Pirrone / *Décors:* Paulo Guilherme / *Caracterização:* Aguiar de Oliveira / *Iluminação:* João de Almeida / *Som:* Enrique Dominguez, Luís Barão / *Música:* Jaime Mendes / *Cenários:* Júlia Barroso / *Fotografia de Cena:* Bourdain de Macedo / *Anotação:* Américo Patela / *Assistente de Exteriores:* Francisco Veríssimo / *Montagem:* ISABEL DE SÁ / *Assistente de Montagem:* JULIETA AZEVEDO / *Interpretação:* Laura Alves (Isabel), António Silva (Luís), Virgílio Teixeira (Eduardo), Josefina Silva (Albertina), Augusto Costa/Costinha (gerente do hotel), Carmen Mendes (senhora exaltada), Alves da Costa (médico-chefe), Artur Semedo (Dr. Dias), José Viana (doido), Raul Solnado (funcionário), Fernanda Borsatti (empregada do hospital).

*Produtora:* Lisboa Filme (Portugal, 1957) / *Produção:* Manuel Queirós / *Chefe de Produção:* Luís Miranda / *Cópia:* Cinemateca Portuguesa, 35mm, em preto e branco, falada em português / *Duração:* 80 minutos / *Estúdios e Laboratórios:* Tobis Português / *Distribuição:* Lisboa Filme, Internacional Filmes / *Estreia:* Cinema Monumental, a 19 de fevereiro de 1957 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* junho de 1986 (“Homenagem a Laura Alves”).

---

A segunda aposta da Lisboa Filme no seu novo arranque tentou também uma jogada segura. Após **O Noivo das Caldas** segundo uma comédia de João Bastos que já dera provas e onde Arthur Duarte tentou retomar o estilo (e o êxito) de **O Costa do Castelo**, esta nova produção foi buscar uma comédia teatral de Frederico Pressler que obtivera um êxito memorável pouco tempo antes no Teatro Monumental: **Perdeu-se um Marido**. A realização foi entregue a Henrique Campos e a ficha artística reunia mais ou menos os mesmos actores do filme anterior que se encontravam sob contrato para esta pretendida ressurreição da Lisboa Filme. Isto permite-nos acompanhar a formação embrionária de uma série de tipos que num grande estúdio de produção contínua, tomam o nome de *character actors*, onde incluímos António Silva a propósito das suas grandes criações anteriores e o comparámos, ao maior *character actor* do cinema americano: Edward Everett Horton.

Eis-nos aqui, nesta nova aventura da produção cinematográfica em Portugal, perante um grupo de actores secundários que, de filme para filme sublinham uma pose e afirmam uma faceta duma personalidade única, e parecem deslizar de história para história como se fossem variações de uma só: Costinha (empresário ou gerente do hotel), Carmen Mendes (deliciosa nas variações de “coquetismo”), a entrada em cena de Josefina Silva e as aparições episódicas e prometedoras de Humberto Madeira, Raul de Solnado e José Viana, rebentos da nova geração da comédia que começavam a destacar-se. No caso vertente há um erro de escolha para o elenco, aquilo a que se chama *miscasting*: é a escolha de António Silva para o papel de Luís, o marido “perdido”, do título do filme.

É certo que, como grande actor que foi, António Silva deu o melhor de si ao personagem. Mas sente-se, ao vê-lo, um certo desfasamento como se os dois não colassem, ao contrário do que acontecia em toda a série de comédias de Arthur Duarte ou nos filmes de Perdígão Queiroga. E o espectador, na altura, não deixava de ter presente o filme em que poucos anos antes (**Sonhar é Fácil**) António Silva aparecia como pai de Laura Alves. Contudo mais do que na diferença de idades é no tipo de personagem que António Silva interpreta, que a disparidade é maior. Se ele foi um actor versátil, adaptando-se facilmente tanto à comédia como ao drama, ele foi-se “colando” a um certo tipo de personagens com as mesmas características (o que nos leva a

classificá-lo de *character actor*) dentro da comédia. Ora o tipo desorientado que é o de Luís em **Perdeu-se um Marido**, não se integra no quadro da personagem-tipo de António Silva. Mesmo assim aceitemo-lo tendo em conta a necessidade de uma vedeta como cabeça de cartaz. Mas talvez o filme tivesse ganho com a alteração. Aliás, o galã habitual, Virgílio Teixeira, é outro *miscasting*, num papel secundário e a que também não se “cola”. Como se ele e António Silva tivessem trocado de lugares. Poderíamos pôr a questão de a troca ser intencional, mas nesse caso seria necessário alterar algumas situações, dar outra perspectiva à personagem de Luís, introduzir uma perversidade que, obviamente, não estava na ideia (mesmo inconsciente) dos responsáveis. Há portanto um vácuo na personagem e em situações, que nunca é preenchido.

Porque a ideia de **Perdeu-se um Marido**, por muito usada que tenha sido, é sempre curiosa e propícia a muitas variações. A perda de memória em consequência de forte comoção (no caso um acidente de viação) pode entender-se como um desejo de recomeçar uma vida nova, de esquecer fracassos e arranjar outra oportunidade. Muitos filmes exploraram esta faceta. Não é o caso da comédia de Pressler e do filme de Henrique Campos que preferem jogar com um embuste que tem a ver com a inversão da vítima de amnésia e com o efeito de surpresa que se pretende fazer ao espectador. Diga-se desde já que a perspectiva dada é muito mais curiosa e que é pena que não tenha sido melhor aproveitada, que não se procurasse aprofundar psicologicamente a situação em vez de a resolver como um “vaudeville” (mas estarmos a exigir isso era estarmos a falar de “outro” cinema): Isabel (Laura Alves), ao despertar do acidente, e ainda confusa, apercebe-se que o marido ficou amnésico e não a reconhece. É ela que se finge de amnésica e leva-o por uma viagem ao passado para o ajudar a recuperar a memória. É pois esta viagem pelo passado, em busca dos momentos felizes que me parece ser o que esta história tem de mais curioso. Ela surge como uma peregrinação simbólica de um casal que entrou na rotina, que esqueceu os pequenos gestos, os pequenos nadas ou as palavras absurdas que transfiguram um momento banal e lhe dão um toque de poesia. Que esqueceram no mecanismo de repetição, a própria ideia do amor. A viagem por aqueles fragmentos do que fora a sua noite de núpcias vai reconstruindo o *puzzle* e ao mesmo tempo que a memória regressa, volta também essa ideia perdida, que acaba por contaminar os que o rodeiam: a mãe de Isabel a telefonar no fim ao marido.

Quem isto lê e conhece o filme pode interrogar-se se estou de facto a falar de **Perdeu-se um Marido**. Bem! Tudo isto lá está. Mas talvez seja preciso abrir bem os olhos para o ver. O problema do filme é que, mesmo Henrique Campos arrastado pelo mecanismo da repetição, esqueceu também a própria ideia do cinema. Tal como Arthur Duarte no **Noivo Das Caldas** a rapidez de execução do filme pode ter sido prejudicial ao resultado final.

Não seria com **Perdeu-se um Marido** que o cinema português se iria reencontrar e iria recuperar a memória do passado. É curioso ver como estes dois primeiros filmes de novo esforço de produção contínua da Lisboa Filme são, inconscientemente, reflexos da situação do nosso cinema, ou da relação que com ele tinham os dois realizadores. O próprio tema de **Perdeu-se um Marido** parece surgir como a manifestação de amnésia que atacava os nossos realizadores de então.

Manuel Cintra Ferreira